



TEORIA

“FIQUE EM CASA” E LAVE SUAS MÃOS: NOTAS SOBRE A CIDADE DO NÃO-CIRCULAR*

ROSELINE VANESSA SANTOS OLIVEIRA

Prof. Dra da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal de Alagoas
roseline@fau.ufal.br

ANDREJ ALEXANDER B. GUDINA

Bacharel em Administração e graduando em Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal de Alagoas
andrej.gudina@fau.ufal.br

A virada do ano de 2019 foi marcada por um evento que afetou localidades do mundo todo: o surgimento da mutação de um vírus de alcance epidêmico. Em um curto espaço de tempo, uma série de medidas de abrangência global tiveram que ser tomadas para inibir a sua propagação, como as sintetizadas nas expressões “Fique em casa” e “Lave as mãos”. Efeitos do isolamento social repercutiram rapidamente nas cidades, demonstrando benefícios e conflitos decorrentes da suspensão de um dos princípios cruciais de Urbanidade, qual seja, o de circular. Com base em referências predominantemente digitais, este artigo apresenta reflexões sobre impactos do Coronavírus na cidade, abrangendo situações de uma sociedade definida por inúmeros desastres, sobretudo, os que envolvem a desigualdade social.

Palavras-chave: Arquitetura e Urbanismo. Conforto ambiental. Pandemia viral.

Recebido em: 13/05/2020

Aceito em: 03/06/2020

“FIQUE EM CASA”

“Fique em casa”. Essa é a expressão concisa que tem marcado o novo ano, mundialmente recomendada à sociedade para inibir a propagação do SARS-CoV-2. Um vírus de alcance pandêmico que teve seu foco inicial reconhecido em dezembro de 2019 na China e, em três meses, ultrapassou a Ásia e atingiu fatalmente 184 países situados em cinco continentes, incluindo a América¹. O COVID-19 ou Coronavírus, como é popularmente conhecido, afeta o sistema respiratório com propriedade de ampla disseminação através de seu contato com o corpo humano. Todo sólido pode ser o seu alojamento e todo gesto que o leve ao rosto, o seu veículo. Sem medicamento específico para tratamento ou prevenção, o “Fique em casa” se coloca como mais que um slogan de campanha de saúde e conscientização, representa um ato de lidar com o imprevisível quando tosses e espirros podem vir de qualquer lado e disseminar o vírus em qualquer superfície, significando uma possibilidade catastrófica.

Poucas são as medidas gerais para sua contenção eficaz recomendadas pelos especialistas. Dentre elas estão a promoção de medidas de higiene, o isolamento de infectados e o distanciamento social. Acompanhando as advertências, estão também as inevitáveis decisões do Estado e seus impactos no comportamento social e

* TEXTO ADAPTADO DA VERSÃO ORIGINAL PUBLICADA NA REVISTA ARQUITEXTOS 239, EM ABRIL DE 2020. Artigo produzido com seus autores em isolamento social. Agradecimentos ao Prof. Dr. Geraldo Faria, do PPGAU-Ufal, pela revisão da argumentação.

¹“Muitos dos vírus que atacam o ser humano têm origem noutros animais”, como nos chimpanzés que causaram o HIV, e nos suínos, o H1N1. Estudos indicam a grande probabilidade do COVID-19 ser proveniente de um mercado chinês de animais vivos situado em Wuhan. Eles são ali amontoados para venda e abate no próprio local, sendo submetidos à troca de diversos fluidos; no caso desse vírus, entre morcegos e pangolins. A infecção de humanos acontece com a ingestão de animais doentes e sua transmissão pelo contato com infectados ou com qualquer superfície atingida pelo vírus (PORQUE É, 2020). Chegou a outros países através de viajantes contaminados.

na dinâmica econômica, no sentido de efetivar a contenção do vírus sem, contudo, conter a vida. Se os sistemas de educação e de serviços encontram algum suporte para continuarem através da virtualização das atividades, outros, como os de comércio e produção, não têm alternativa senão a suspensão de todo ou parte do seu trabalho. Então, as posições que os diversos meios de comunicação e linguagens de divulgação têm registrado oscilam entre um avanço tecnológico forçado e a eminência de um caos, provocado pelo aparente despreparo social para encarar o surto epidêmico.

Quando o “Fique em casa” é imposto, traz à tona a realidade do morar no Brasil. Pesquisas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA (2016) estimam que mais de 100 mil pessoas no país vivem nas ruas, sobretudo nas de grandes centros urbanos. E como o conceito de moradia adequada não se limita a um invólucro composto por paredes sob uma cobertura, mas incorpora questões de salubridade e infraestrutura, calcula-se, de acordo com dados publicados pela Fundação João Pinheiro (2018), que o déficit habitacional seja em tor-

no de 6,355 milhões de domicílios no Brasil, país onde as favelas se tornaram parte estruturante das suas principais cidades.

É dentro dessa realidade que cerca de 11,5 milhões de brasileiros moram em habitações superlotadas, que abrigam mais de 03 pessoas por dormitório (BARBON, 2020). E se a ideia é evitar concentração de pessoas nas ruas, o “Fique em casa” as submete a uma aglomeração permanente em suas residências, situadas em áreas densamente ocupadas, frustrando, assim, o distanciamento social proposto pela Organização Mundial da Saúde -OMS. Além disso, esses adensamentos humanos, de um modo geral, carecem de atendimento de saneamento básico, o que compromete diretamente os seus aspectos de higiene ambiental. Portanto, estando reféns das características da disseminação viral, o contágio desses moradores provavelmente estabelecerá um cenário desastroso.

Sabe-se que as questões que compreendem as moradias inadequadas no Brasil são históricas e obviamente não surgiram a partir da declaração da pandemia, pela OMS em março



Figura 1: Cena do filme “Human Flow: Não existe lar se não há para onde ir” (Foto divulgação).
Fonte: HUMAN FLOW, 2017.

de 2020, quando se intensificaram as medidas de isolamento social por praticamente todos os estados federativos. Mas, a restrição do uso e permanência nos espaços públicos e coletivos impactou funções urbanas clássicas e, ao diminuir a Circulação e, por consequência, o Trabalho e o Lazer, os problemas relativos ao Habitar tornaram-se mais evidentes.

Nesse sentido, o “Fique em casa” leva-nos também a refletir acerca de princípios que nasceram com a própria ideia de cidade e sua relação de interdependência. Em 1728, Rafael Bluteau a definiu como sendo uma “multidão de casas distribuídas em ruas”. Essas, por sua vez, são os espaços “que há entre as casas de uma cidade, para a passagem de gente, (...) pelas ruas corre a água da chuva que cai dos telhados, como também a dos poços e das fontes que se derrama nas ruas. Também corre a gente a rua, e cada uma delas é uma corrente do povo, que vai ao seu negócio” (BLUTEAU, 1728).

Nas palavras do lexicógrafo, dois elementos fixos significam a cidade: casa e rua, então, os espaços privado e público. O primeiro garante o sentido da permanência e o último indicado como necessário para possibilitar “os negócios”, efetivar as trocas e, assim, criar a multidão que confere à cidade o seu estatuto. Essa definição obviamente considerou as feições urbanas pré-revolucionárias, mas o conceito pode ser facilmente estendido para o século seguinte que logo tomou a rua como elemento determinante das transformações da cidade. Sob a influência de médicos higienistas europeus, que denunciavam as epidemias de cólera e febre amarela nas primei-

ras décadas de 1800, a demolição de casas e a criação de passagens, como as intervenções paradigmáticas em Barcelona e Paris, foram vistas pelos urbanistas como a única saída para superar a incompatibilidade entre a dinâmica pós-industrial e a velha estrutura da cidade, mesmo que, para tanto, fosse preciso também lidar com o inevitável caos próprio do processo de construção urbanística que, naquele contexto, requereu destruição em larga escala.

Aquelas ruas de Bluteau “por onde corria gente” foram sendo remodeladas e ocupadas por transportes para as carregarem e, pouco a pouco, essa passagem foi ficando cada vez mais apertada pelo aumento de seu fluxo, sobretudo pelo número de veículos motorizados. Por vezes as ruas conseguem ser alargadas para atender às pressões do congestionamento, mas, na maioria dos casos, limite dos lotes, das leis, dos recursos e das vontades não se dispõe a expandi-las, bem diferente da ousadia moderna quando as avenidas aparentemente não encontravam barreiras para tomarem o lugar de edifícios, caminhos, rios e morros.

Agora, o “Fique em casa” suspende, por tempo indeterminado, o sistema de circulação, ou seja, aquilo que equacionou “os movimentos humanos de apropriação e territorialização”². Parar o vírus significa parar a rua, tirando o “privilegio” dos carros e dos carnavais e invertendo o sentido popular da expressão “ninguém na rua”, que passa a configurar sinônimo de proteção. Implica, também, em deter trocas globais que necessariamente envolvem longos percursos

²Depoimento do Prof. Dr. Geraldo Faria, do PPGAU-UFAL, registrado no documento de revisão do artigo.

(terrestres, aquáticos e aéreos), inibindo um movimento conquistado pelas viagens expansionistas, do século 16, culturalistas, do século 19, e excursionistas, do século 20³. Sabendo como o vírus da China alcançou e tem atingido, por exemplo, a Itália, os apelos aos deslocamentos, cuja maioria provoca e destina-se à aglomerações, dão lugar ao permanecer distante. Assim, contrariando as forças do Turismo, da Globalização e dos próprios Direitos Humanos, as consequências do vírus exigem deixarmos de ser viajantes e transeuntes, evitar e adiar encontros, mesmo que, nesse mundo das multidões, raramente eles aconteçam.

NINGUÉM NA RUA

O “Fique em casa” paralisa o direito de ir e vir. Contraria a velocidade conquistada pela cidade moderna. Sugere-nos estacionar os nossos corpos. Implica no vazio e no silêncio que caracterizam condomínios de luxo, núcleos interioranos, ilhas desertas, o deserto... Aproxima-nos de realidades cinematográficas como cidades fantasmas, do faroeste ou pós-apocalípticas. A pandemia nos inclina a pensar sobre o que pode ser uma cidade sem ninguém, no caso, as ruas sem circulação.

Vários são os estudos que indicam a eficiência do movimento no espaço público relativamente ao bem-estar social, como os que envolvem os te-

mas da segurança, da iluminação, da fachada ativa, dentre outros. Contudo, normalmente são tratados considerando o percurso ou a permanência momentânea daqueles que, mesmo entre várias paragens, têm a casa como o destino final. Viver a rua é, portanto, bem diferente de nela viver, como é o caso dos sem-teto que passam os seus dias à mercê da sorte. Diante da recomendação mundial, qual seria a alternativa desses que não contam com uma casa, mas com a cidade como abrigo?

Para os que têm onde ficar, o confinamento “espontâneo” reconfigura a casa. Ele anula o uso de determinadas aquisições motivadas pela exposição social, transformando muitos lares em verdadeiros depósitos, em alguns casos, de gente, em outros, de coisas. Ela, a casa, que comumente é tomada como um refúgio, também se transforma em uma prisão, fazendo emergir um senso ainda maior de injustiça quando o vírus relativiza as restrições entre crianças, jovens, velhos e portadores de doenças crônicas⁴.

Livres das multas⁵, no Brasil, aos que estão fora dos grupos de risco e aos envolvidos com os ditos “serviços essenciais”, ainda é “dada” a possibilidade de serem solidários aos “prisoneiros” (ficando em suas casas quando puderem) ou de aproveitarem a calma do trânsito e o canto dos passarinhos resultantes da drástica diminuição da circulação.

³ “Guarde esse sonho. Visite depois.” e “Não venha agora” integram mensagens das campanhas publicitárias do Turismo da Bahia e de Alagoas divulgadas em março de 2020.

⁴ “Treinada em solidão e liberdade, sem nenhuma vocação ao aprisionamento, cá estou em cárcere domiciliar, sem julgamento em nenhuma instância e sem a menor ideia de tempo e de quem vai me oferecer o alvará de soltura”. Depoimento de Maria Augusta Tavares, residente em Paços D’arcos-Portugal, acerca da imposição do confinamento, divulgado em sua página do Facebook. Acesso em 27 mar. 2020.

⁵ “Estamos vivendo um momento muito difícil. Para sairmos de casa, temos que fazer uma declaração assinada enviada pelo Ministério do Interior. Podemos levar multa de até 200 euros (cerca de R\$ 1 mil) se não há justificativa (para sair de casa). As justificativas não são muitas: comprovadas exigências de trabalho, situação de necessidade, motivos de saúde e volta para o próprio domicílio” (MARIOTTO; ALMEIDA, 2020).



Figura 2: Cena do filme "Human Flow: Não existe lar se não há para onde ir" (Foto divulgação). **Fonte:** HUMAN FLOW, 2017.

Se, no cenário pandêmico, não circular é essencial para salvaguardar vidas⁶, questiona-se também a situação daqueles que trabalham nas ruas, estando sujeitos a uma batalha diária pela subsistência em suas atividades informais. Mas, assim como nos aspectos relacionados à moradia inadequada, a origem dessa questão não surge com o avanço da propagação do Coronavírus. Embora fique em evidência nesse momento, trata-se de uma realidade que já vem sendo discutida no que diz respeito à precarização dos direitos trabalhistas.

Pensemos também que a maioria dos trabalhadores urbanos brasileiros, morando em periferias, encara longos percursos e depende do transporte público coletivo para conseguir exercer o seu ofício. As medidas que inibem a circulação de pessoas hoje, mesmo com os prováveis impactos na dinâmica econômica, significam resguardá-las da ameaça das aglomerações a que são diariamente submetidas, no

sentido de evitar que um cotidiano já conturbado contribua para a construção de um cenário ainda mais caótico.

As situações aqui rapidamente apresentadas consistem apenas em uma amostra das inúmeras condições de fragilidade a que o vírus e a vida urbana podem nos submeter, revelando que, apesar da crise pandêmica nos inclinar para um panorama de extensões globais, é preciso também observar que cada indivíduo está sujeito a sua própria crise, especialmente agravada quando desprovido de proteção social.

Por outro lado, a suspensão do acesso à rua demonstra que a vida não acontece apenas nos espaços públicos, na medida em que intensifica o mundo privado e permite-nos "redescobrir o labor cotidiano, o espaço da casa, as atividades caseiras, a sociabilidade familiar"⁷. O "ficar em casa" nos desperta para a própria noção de tempo e, com isso, permite-nos revisar outras

⁶ "Fique em casa. Salve vidas: Ajude a combater o Coronavírus". Mensagem do doodle especial liberado pelo Google (Acesso em 05 mar. 2020). O apelo do "Fique em casa" é no sentido de diminuir a velocidade de propagação do vírus e, assim, evitar um colapso no sistema de saúde.

⁷ Depoimento do Prof. Dr. Geraldo Faria, do PPGAU-UFAL, registrado no documento de revisão do artigo.

até para os que desfrutam do urbanismo social e da circulação inclusiva, que configuram a cidade colombiana de Medellin, resultantes de uma “união de todas as forças sociais e políticas atrás do objetivo comum e supremo da convivência e da civilidade”⁸.

Atentemos, então, para uma outra esfera de circulação que intensifica o espaço domiciliar, dispensando a rua e criando outras formas de conexão social: a Internet. Há 50 anos seus mecanismos de informação têm transformado radicalmente a comunicação e, por extensão, as dimensões concretas do espaço. Ela permite, sem a necessidade de deslocamento físico, o acesso à escolas, escritórios, bibliotecas, lojas, restaurantes, cinemas, espaços siderais⁹, namoros... Então, os ambientes virtuais tornam o mundo portátil e provocam um outro tipo de aproximação, de alcances inimagináveis e infinitos, em todos os que conseguirem acessá-la.

Tantas possibilidades não disponibilizam, contudo, todo o complexo universo das sensações provocadas pelos sentidos e pela subjetividade, como aquelas ativadas pelo tato de um abraço ou num mergulho no mar, por exemplo. Também tendem a anular um conhecimento produzido pelo calor humano, o que fez Zygmunt Bauman (1925-2017) conceituar as ações em píxeis como resultado e consequência

da falência social, na medida em que

“não ensinam a dialogar porque é muito fácil evitar a controvérsia... Muita gente as usa não para unir, não para ampliar seus horizontes, mas ao contrário, para se fechar no que eu chamo de zonas de conforto, onde o único som que escutam é o eco de suas próprias vozes, onde o único que veem são os reflexos de suas próprias caras. As redes são muito úteis, oferecem serviços muito prazerosos, mas são uma armadilha” (BAUMAN, 2016).

A velocidade da cidade é vigorosamente transferida para vias de ambientes imateriais, cuja “facilidade” de acesso dá (e vende) espaço para a criação de outras multidões, circulações e congestionamentos, essencialmente construídos para a exposição. Por outro lado, essa artificialização das relações colocada por Bauman e que reforça a ideia do não encontro, talvez, por isso mesmo, ocupe um lugar ainda mais favorável na atual crise da sociedade que depende do distanciamento para se salvar. Diante da proibição do contato corpóreo, muitos têm se valido das vias virtuais como única alternativa de acessar o público e o privado e, assim, continuar com suas vidas, seja matando a saudade ou camuflando a solidão¹⁰.

LAVE AS MÃOS

⁸ “A estratégia da transformação esteve baseada em três questões: implementação de um sistema de transporte público e de acessibilidade eficiente e qualificado, provisão de serviços públicos de qualidade para toda a população e planejamento urbano e territorial de longo prazo”(GHIONE, 2014).

⁹ Ver site da National Aeronautics and Space Administration (www.nasa.gov).

¹⁰ “A ideia de não ser capaz de dizer adeus me machuca mais do que a própria morte e existem outros locais com idosos, hospitais e asilos, onde não há mais a possibilidade de dizer adeus”; “Estou profundamente convencido da importância de máscaras, luvas, máquinas, mas o direito de dizer adeus não deve ser menos importante” – depoimentos de envolvidos com a campanha italiana “O direito de dizer adeus” que mobiliza a doação de tablets para hospitais no intuito de garantir o momento da despedida aos pacientes do Coronavírus em estágio terminal (A CAMPANHA, 2020).

“Aqui estamos!” (DISCURSO, 2017). Em 2017, Jean-Luc Mélenchon inicia seu discurso na cidade de Marselha na disputa pela presidência da França com palavras que se distanciam de um mero comício. É um apelo em prol dos Direitos Humanos. Aproxima-nos do mundo dos exilados que são expulsos de sua terra natal não por seus ideais políticos, como fazem ditadores com militantes, mas pela própria política que os mantém entre a guerra, a miséria e a discriminação racial. Fala da esperança e da coragem que permeiam o ato de se refugiar e como são recepcionados nas fronteiras com hostilidade e crueldade por parte daqueles que tiveram a sorte, privilégio ou felicidade de nascer do seu “lado certo”. Trata, pois, de processos migratórios forçados não por desastres da natureza ou fragilidades da vida do campo, mas pela injustiça social. Que imagens poderiam ser divulgadas para esses habitantes não se deslocarem? Que slogan os convenceriam a ficar em casa? As urgências de um surto epidêmico talvez não tenham tanto efeito em cotidianos onde a morte e o isolamento são a sua própria realidade que os fazem aceitar correr o risco de uma tragédia, como os nau-

frágios no Mediterrâneo, para escapar de outra. Encaram a possibilidade da opressão dos que lhe são “diferentes”, para fugir da praticada pelos seus “semelhantes”...

O vírus hoje fecha fronteiras e toma o poder do que sempre foi da natureza ou dos homens: impedir ou regular as fugas para uma vida melhor. Só os peregrinos são poupados desse desafio, vencendo caminhos que cortam países sem que seja preciso encarar cercas, muros e arames farpados. Ilusão seria pensar que o otimismo desses “viajantes-fugitivos” pudesse ser recebido com as gangorras rosas instaladas entre os limites dos países do México e dos Estados Unidos que oferecem um momento de prazer lúdico, dando-se ou não conta de que representam “uma resposta para pensar em como a fronteira é um lugar onde há um grau de desigualdade, desequilíbrio - tanto laboral, do trabalho, como humanístico” (RAEL, 2019).

Como vemos, uma catástrofe requer ações humanas e, por isso, não se restringe a um acontecimento que arrasa cidades, como tsunamis e terremotos.



Figura 3:
Cena do filme
“Human FLOW:
Não existe lar
se não há para
onde ir” (Foto
divulgação).
Fonte: HUMAN
FLOW, 2017.

E mesmo aqui, a culpa não é da natureza. Ocupamos os espaços, naturais e edificados, sem conhecê-los nem respeitá-los, e as consequências nos levam ao discurso da sustentabilidade e suas várias categorias, da climática à cultural. Ela, que nos chega no tempo também da Internet, mas sempre encontrou lugar em rotinas que sobrevivem da suficiência, tem nos alertado para não só os benefícios em compatibilizar construção e natureza, como essa ser justamente a saída de um futuro colapso que já vem se insinuando através da poluição e da extinção.

Nascido do extrativismo e das pressões da produção e do consumo, o vírus decreta morte à rua. Por outro lado, essa suspensão da circulação de pessoas tem dado pistas do que seria necessário e suficiente para alcançarmos o bem-estar individual e coletivo. Uma pausa de três meses de duração tem causado efeitos visíveis na cidade: menos lixo, menos congestionamentos, mais estrelas e passarinhos, demonstrando que uma outra atitude urbana é possível, que não só os humanos têm direito à cidade, mas também os outros seres, como os animais, as árvores e as águas, como as mencionadas por Bluteau e como pensam os indígenas relativamente ao direito à terra. Contudo, a limpeza do chão e do céu das cidades acontece às custas de um confinamento que tem, ao mesmo tempo, contribuído para a potencialização de fragilidades sociais, como o aumento do desemprego, da depressão e da violência doméstica. Parados, sem circular, estamos indo e

voltando.

A frágil educação para o convívio, para o consumo e para a política (ou seja, para o patrimônio) de uns tem rendido um estado mundial de calamidade, trazendo à tona discursos de familiares teores que, feliz ou infelizmente, encontram sempre espaço para serem retomados. Tal qual, aqueles relativos à cultura do lucro e que construiu o atual impasse de que, para evitar um colapso no sistema de saúde, seria necessário criar um colapso financeiro, como se, para combater a pandemia, fosse preciso escolher entre duas catástrofes (sanitária ou econômica), quando essa dicotomia é, na verdade, raiz e fruto de uma catástrofe social.

A pandemia encontra, pois, seu reflexo na vulnerabilidade das relações sociais. Temos convivido com ela. Está diluída na história marcada por guerras, miséria e epidemias¹¹. Suas consequências não se limitam ao espaço onde ocorre, nem ao momento em que acontece. Como visto, seus efeitos resultam em diferentes desastres em outros territórios, em outros tempos. Poderíamos agora pensar em adiantar avanços tecnológicos que levariam anos para acontecer ou em esperar por reformas urbanísticas do porte das antigas ações higienistas em prol da saúde pública (obviamente incorporando os avanços e conquistas do Direito), mas, por enquanto, torcemos para que a maioria consiga alcançar um “simples” hábito de higiene... Se colocarmos a imprevisibilidade entre

¹¹ “Entre 1918 e 1919, o mundo viveu uma pandemia que ficou conhecida como Gripe Espanhola. A doença se espalhou pelo planeta durante o fim e depois da Primeira Guerra Mundial. O curioso é que os informativos da época davam algumas das dicas que temos que praticar hoje em dia para evitar a propagação do Coronavírus: lavar bem as mãos e evitar aglomerações” (LUCENA, 2020).

¹² “El virus actúa a nuestra imagen y semejanza, no hace más que replicar y extender a toda la población, las formas dominantes de gestión biopolítica y necropolítica que ya estaban trabajando sobre el territorio nacional” (PRECIADO, 2020).

parênteses e considerarmos a nossa própria trajetória coletiva, podemos afirmar com relativa segurança que venceremos o vírus da enfermidade e continuaremos apresentando sintomas de muitas outras¹².

O que se pode perceber é que a experiência da pandemia tem acentuado contradições em várias instâncias, sobretudo a relativa à desigualdade, colocando-nos diante de vários desafios para além da luta contra o coronavírus. O “Fique em casa” - uma composição imperativa que soa como um apelo - pede que nos exilemos, abramos mão da liberdade, da rua e do calor humano para salvar uma sociedade que hoje depende da solidão e da solidariedade, principalmente daqueles que têm onde ficar e que não podem mais, simplesmente, apenas “lavar as mãos”.

REFERÊNCIAS

A CAMPANHA na Itália para que pacientes terminais com coronavírus possam dizer adeus a familiares. **UOL**, Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/bbc/2020/03/23/a-campanha-na-italia-para-que-pacientes-terminais-com-coronavirus-possam-dizer-adeus-familiares.htm>. Acesso em 29 mar. 2020.

BARBON, Julia. Coronavírus: 11, 5 milhões de brasileiros moram em casas cheias em meio à pandemia de Covid-19. **Folha de São Paulo**, 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/03/115-milhoes-de-brasileiros-moram-em-casas-cheias-em-meio-a-pandemia-de-covid-19.shtml>. Acesso em: 31 mar. 2020.

BAUMAN, Zygmunt. As redes sociais são uma armadilha. [Entrevista cedida a] Ricardo de Querol. **El País**, Burgos, 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/30/cultura/1451504427_675885.html. Acesso em 29 mar. 2020.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario Portuguez e Latino, Aulico, Anatomico, Architectonico, Bellico, Botanico [...]** oferecido a ElRei de Portugal, D. João V / pelo Padre D. Raphael Bluteau. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728.

DISCURSO de Melechón. Publicado pelo canal Manoel Carlos Pinheiro, 2017. Vídeo (5 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=9dzmJ_ZcaoE. Acesso em 26 mar. 2020.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Déficit habitacional no Brasil**: 2015. Belo Horizonte: FJP, 2018. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.mg.gov.br/consulta/verDocumento.php?iCodigo=76871&codUsuario=0>. Acesso em: 31 mar. 2020.

GHIONE, Roberto. Transformação social e urbanística de Medellín. **Minha Cidade**, 2014. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/14.166/5177>. Acesso em 04 abr. 2020

HUMAN FLOW: Não existe lar se não há para onde ir. Direção de Ai Weiwei. AC Filmes, 2017. Documentário (140min). Disponível em: <https://www.humanflow.com/gallery/>. Acesso em 12 maio 2020.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Estimativa da população em situação de rua no Brasil**.

Brasília: IPEA, 2016. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/26102016td_2246.pdf. Acesso: 31 mar. 2020.

LUNENA, Felipe. História: recomendações para conter Coronavírus são as mesmas da Gripe Espanhola. **Jornal Diário do Rio**, 2020. Disponível em: <https://diariodorio.com/historia-recomendacoes-para-conter-coronavirus-sao-as-mesmas-da-gripe-espanhola/>. Acesso: 30 mar. 2020.

MARIOTTO, William; ALMEIDA, Lucas. A quarentena na Itália: Pessoas que vivem no país contam como tiveram as vidas afetadas pelo Coronavírus e as restrições impostas pelo governo. **Estadão**, 2020. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/infograficos/brasil,a-quarentena-na-italia,1082341>. Acesso em 30 mar. 2020.

POR QUE É que o coronavírus apareceu na China?. Publicado pelo canal QINews, 2020. Vídeo (7 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aKA3MkbKvI0>. Acesso em: 27 mar. 2020.

PRECIADO, Paul B. Aprendiendo del vírus. **El País**, 2020. Disponível em: https://elpais.com/elpais/2020/03/27/opinion/1585316952_026489.html. Acesso em 02 abr. 2020

RAEL, Ronald. “Muito comovente”, diz arquiteto que montou gangorra na fronteira entre México e EUA. [Entrevista cedida a] Lara Pinheiro. **G1**, Ciudad Juárez, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/07/31/muito-comovente-diz-arquiteto-que-montou-gangorra-na-fronteira-entre-mexico-e-eua.ghtml>. Acesso em 04 abr. 2020.